

# A DEFEESA

Órgão Informativo da Diocese de Propriá  
Registrado no Livro 7, folhas nº 255, a 08/10/1941  
Cartório do 10º Ofício de Registro de Tabelos e Documentos, em Aracaju-Se.  
Diretor Responsável: D. José Brandão de Castro - Redação: Av. Pedro Abreu de Lima, 482 Propriá-Se.  
Tiragem: 1000 exemplares - Circulação gratuita entre os colaboradores.

3a. FASE - Nº 694 - OUTUBRO de 1983 - PROPRIÁ - SERGIPE

## Voz de Pedro <sup>BIP</sup> Papa fala



K: Santidade, poderia dizer aos leitores (...) o que é "vocação" no ver do Papa?

J.P.II: A vocação é um mistério que o homem acolhe e vive no mais íntimo do seu ser. Veja: toda vocação faz parte de um desígnio divino muito amplo, em que cada um dos chamados tem muita importância. Por isso, desde a eternidade, desde quando começamos a existir nos desígnios do Criador, Ele nos quis "chamados", predispondo em nós os dons e as condições para nossa resposta pessoal, consciente e oportuna. Assim a vocação de cada um se funde, até certo ponto, como o seu próprio ser: pode-se dizer que a vocação e pessoa tornam-se uma coisa só.

K: Hoje fala-se que todos são chamados, e não apenas os padres e as irmãs. Se entendi bem, o Papa estaria perfeitamente de acordo com esta nova teologia. Em que sentido os leigos são chamados?

J.P.II: A doutrina do sacerdócio comum dos fiéis foi amplamente desenvolvida pelo Concílio e ofereceu ao laicato a ocasião providencial de descobrir sempre mais sua vocação ao apostolado e o seu necessário compromisso com a tarefa da Igreja. Dela resultou uma vasta e consoladora florescência de iniciativa e de obras, seja em terra de missão, seja em países, como o vosso (Brasil), onde se sente mais agudamente a necessidade de suprir, com o auxílio dos leigos, a presença do sacerdote. A Igreja tem necessidade da colaboração formidável do leigo, cujo campo de ação é muito amplo. A história, breve mas já bastante rica, das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, parece mostrar que nelas, sempre sob a responsabilidade pastoral do Bispo e dos Presbíteros, numerosos leigos encontram a possibilidade de servir à Igreja. Isto é consolador, e devemos ser os primeiros a nos alegrar com esta colaboração do laicato e a encorajá-la.

## A legalização do assassinato

As feministas inautênticas andaram fazendo passeatas e manifestos, nestes dias passados, a favor da legalização do aborto. E os deputados vão votar, e é bem capaz que passe tal projeto de lei. Então eu vou pedir também uma lei que aprove todos os assassinatos, todos os adultérios, todos os roubos... É a mesma coisa. Parece absurdo que a humanidade tenha descido até esse ponto, mas infelizmente aí estamos.

Só não entende quem não quer entender. Desde o primeiro instante de existência, não importa que tenha apenas começado o seu desenvolvimento, o embrião já é pessoa humana, sujeito portanto de todos os direitos, primeiro dos quais o direito à vida. Como pode então uma mãe desnaturada, se é que podemos chamá-la de mãe, dar fim a essa vida?

O grande argumento das defensoras deste crime é o direito que a mulher tem sobre o seu próprio corpo. Sim, mas não sobre o corpo daquela criaturinha que está começando a viver

em seu seio, e que já é outro ser. Ou então, dizem, é para eliminar a praga do aborto clandestino. Então, o simples fato de torná-lo patente e não mais clandestino vai torná-lo também bom e justo? Uma lei, ditada por interesses escusos pode mudar a natureza de um fato? Desde quando?



Os jornais falam, as revistas falam, a televisão fala. E a mentalidade pró-aborto vai se espalhando. E quem serve de exemplo? As artistas menos recomendáveis pela vida que levam. Não teve uma a desfaçatez de declarar com o maior cinismo do mundo que já praticou 16 abortos em sua vida? Dezesesseis filhos que essa "mãe" matou!

Vamos relembrar as palavras claras e tranquilas de nossos bispos: "Contra toda a argumentação capciosa que proclama o direito exclusivo da mulher sobre o seu corpo ou a necessidade de freiar legalmente uma situação calamitosa já existente (abortos clandestinos), a Igreja proclama e proclamará a inviolabilidade da vida, desde o primeiro instante da concepção no seio materno. O direito à vida é o direito fundamental do nascituro. Muitas vezes não é a idolatria do prazer e do bem-estar que levam ao aborto, mas dolorosas situações pessoais ou condições de miséria criadas pela iniquidade social. Entretanto reafirmamos que a lei humana não pode permitir o que a Lei de Deus proíbe: NÃO MATARÁS". (Valores básicos da vida e da Família - CNBB - Itaiçi - 1980).

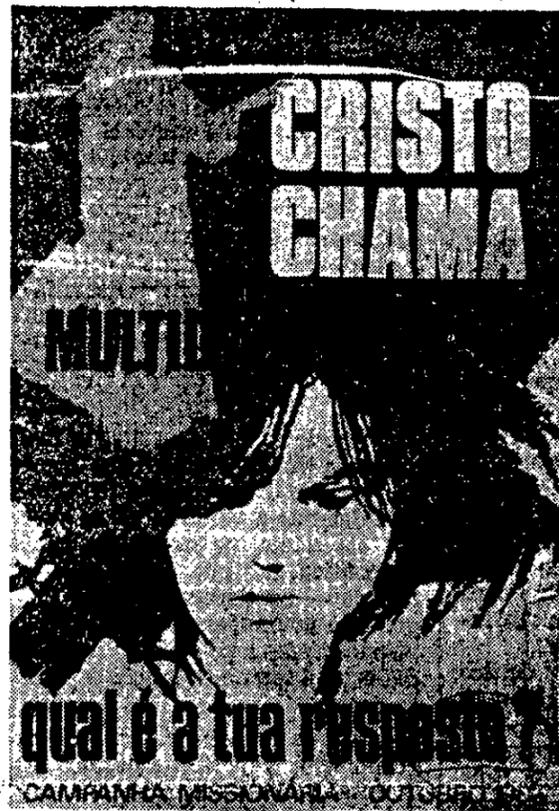
Se você quer ser cristão, seja coerente. O pensamento da Igreja é esse, porque Ela tem certeza que é o pensamento do próprio Deus. **Frei Estêvão Nunes op.**

VOZ DO PARANÁ

## Prontos para a missão

Cristo chama. Multidões esperam. Qual é a tua resposta? Estas três frases que, ao mesmo tempo, proclamam uma verdade de fé, constata uma realidade e exigem uma resposta, compõem o tema/slogan da Campanha missionária que está sendo desenvolvida em todo o Brasil, neste mês de outubro, mês missionário.

Apresentando a campanha e conclamando a todos para nela engajar-se, D. José Martins da Silva, responsável pela Linha 2 da Comissão Episcopal de Pastoral, divulgou o seguinte texto:



A origem da Igreja é Cristo e sua missão. A missão de Cristo foi ir até as pessoas. Foi sentir a vida de cada um. A Igreja tem de Cristo a missão. Como Cristo que veio para chamar as pessoas, veio para ir até elas e não para esperá-las.

Cristo chama a todos para a missão. O Mês Missionário se coloca bem no contexto do Ano Vocacional: aí está a vocação — o chamado a todos para a obra missionária, através dos diversos ministérios na Igreja. A Igreja peregrina é toda ela missionária, como lembra o Documento do Vaticano II "Ad Gentes", 2. "Todos os membros de Cristo vivo, incorporados e assemelhados a Ele pelo Batismo e também pela Confirmação e pela Eucaristia, têm o dever de cooperar para a expansão e dilatação do Corpo de Cristo para levá-lo o quanto antes à plenitude" (Ad Gentes, 36).

Ninguém pode se sentir indiferente e alheio à convocação cristã.

Hoje, como sempre, a Igreja — no seu ideal missionário — se sente interpelada pelos sinais dos tempos a atualizar o mandato, a ordem de Cristo: "Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc. 16,15).

A Igreja é missionária e enviada ao mundo porque é a "nova forma" de presença de Cristo no mundo para continuar sua missão (Evangelii Nuntiandi).

Cristo missionário, enviado pelo Pai, começa sua missão dentro de um contexto histórico concreto e hoje faz viva e continuada em

seu Corpo Místico que é a Igreja e cada um de seus membros.

São muitos os que precisam do anúncio da salvação, da libertação. E como a Igreja é o "Sacramento Universal da Salvação" tem ela a obrigação de trabalhar pela salvação do mundo, do homem todo e de todos os homens. Cristo quer se servir da Igreja para salvar a todos, em seu desígnio definitivo.

Temos de olhar para as necessidades universais; tantos não-católicos existem. Temos de olhar para o mundo latino-americano. Especialmente temos de olhar para a realidade brasileira, onde há tantos carentes do Evangelho (como também de tantas coisas básicas: terra, casa, emprego, justiça, amor...). Aí estão:

— os pobres — maioria de nossa gente;

— os índios;

— os jovens;

— os afro-brasileiros e tantos quantos nos esperam como missionários da palavra que liberta a alma, para a expansão e crescimento do Reino de Cristo.

As multidões nos esperam. Nos apelam. Nos questionam. E Cristo nos chama para esta missão.

Só nos resta refletir sobre a decisão de uma resposta. Qual será ela?

Que haja muitos que possam responder de uma maneira consciente e decisiva: "Senhor, conta conosco, pois estamos prontos para a missão". **"O SÃO PAULO"**

# Líder sindical ameaçado de morte

## Manoel de Oliveira, líder sindical de Porto da Folha, foi alvo de vários tiros



PV — Quanto associados tem o Sindicato?

Manoel — Temos dois mil e poucos associados. Todos de Porto da Folha.

PV — Você se sente prestigiado pelos membros do Sindicato?

Manoel — Me sinto, sim. Me sinto prestigiado porque, inclusive, houve uma época em que os associados mostraram a força da união, quando em setembro do ano passado eu fui preso e os trabalhadores associados se manifestaram e me soltaram.

PV — E você esteve preso por que?

Manoel — Até hoje não sei porquê. Chegou o juiz dizendo que eu estava insultando a luta armada no campo. Simplesmente eu estava defendendo a causa de um trabalhador...

PV — Como é o nome do juiz?

Manoel — Dr. Francisco de Melo Novais, juiz da Comarca. Depois, ele reconheceu que foi mal informado e mandou me soltar, pedindo desculpas; mas depois da pressão dos trabalhadores, duzentos homens do campo aqui na rua, protestando...

PV — Há muita questão de terra aqui em Porto da Folha?

Manoel — Há, mas, por enquanto tá parada. A questão maior de terra foi aquela luta da ilha de S. Pedro...

PV — Dos índios xocós?

Manoel — É, dos índios xocós. Outras pequenas questões de terra são de usucapião.

PV — E quais são as reivindicações maiores aqui no Sindicato?

Manoel — As reivindicações maiores dizem respeito à terra e agora, na problemática da seca, algumas ações paliativas, como abertura de frentes de trabalho, que dêem acesso ao homem e à mulher e um salário digno para sobrevivência...

PV — A mulher já está trabalhando nas frentes?

Manoel — Foi comunicado pela CODEVASF, semana passada, que a mulher ia ser cadastrada.

PV — No Sindicato há a presença da mulher?

Manoel — Há mulheres sim, elas participam.

PV — A pergunta que vamos fazer, Manoel, você responde se quiser. Nas frentes de trabalho da seca, o Governo, o Ministério do Interior, faz propaganda do Andreza?

Manoel — Olha, eu nunca vi. Até agora não. Até agora não tenho notícia.

PV — E na arregimentação, no cadastramento, não predominam critérios políticos?

Manoel — Não deixa de ser, não é? Sabe, hoje tá sob a orientação da CODEVASF, órgão do Governo. A gente procura descobrir, na medida do possível, mas é tudo encoberto, sabe?

PV — Você é presidente do Sindicato há quanto tempo?

Manoel — Há seis anos.

PV — Existem outras lideranças se formando, além da sua?

Manoel — Há. Os companheiros aí, que a gente está preparando, aos poucos, para assumir a luta. Eles são chegando.

PV — Uma pergunta de caráter pessoal. Você é lavrador?

Manoel — Sou lavrador... sem terra, ainda mais...

PV — E os associados são todos lavradores?

Manoel — São todos lavradores: pequenos proprietários, e trabalhadores sem terra.

PV — Você foi expropriado?

Manoel — Não. Eu nunca tive terra; trabalho na terra do meu sogro, tenho uma horta.

PV — Quando é que foi criado o Sindicato?

Manoel — No dia 22 de agosto de 1971.

PV — Qual foi a maior conquista do Sindicato?

Manoel — Foi a luta em torno das terras da Ilha de S. Pedro, quando nós conseguimos a posse e a propriedade da terra para os índios. Foram 33 famílias, duzentas e uma pessoas, na época.

PV — E os índios xocós ficaram gratos pela solidariedade na luta afinal vitoriosa?

Manoel — Ficaram gratos sim e inclusive participam aqui do Sindicato, se associaram, comparecem às reuniões.

PV — E a Diocese de Propriá, como é que ela atua aqui? Vocês são ligados?

Manoel — É um trabalho integrado: sindicato-diocese. Inclusive através da Comissão Pastoral da Terra da Diocese.

PV — Os xocós, depois que conseguiram as terras, têm uma situação econômica melhor ou pior?

Manoel — Bem melhor, viu. Só pra vocês terem uma idéia, de todo o nosso grupo, eles são os únicos que estão sobrevivendo em melhores condições. Eles têm tudo de lavoura: plantam milho, arroz, macaxeira, feijão. Neste município inteiro são eles, os xocós, que têm as melhores condições. Nós pegamos essa luta deles em 1977 e, em 80, com a desapropriação, acabou.

PV — Mas acabou mesmo a luta deles?

Manoel — Bem. Não acabou por completo, porque a família Brito, de Propriá, pra prejudicar... ultimamente, por exemplo, eles jogaram o gado dentro das plantações dos índios. A Diocese e o Sindicato estamos entrando na Justiça com uma ação.

PV — Mas houve uma época em que se dizia que os Britos, na luta contra os índios, estavam defendendo os posseiros...

Manoel — Isso era conversa fiada, eles tinham uma luta particular contra a CODEVASF, então vinham com essas conversas fiadas de que defendiam os posseiros. Por outro lado, o diretor da CODEVASF, em Aracaju, naquela ocasião, era da família dos Britos. Era tudo combinado, segundo os interesses deles. O ano passado, os Britos jogaram o gado lá dentro e a gente, através da FUNAI, obteve um acordo. E, desse acordo, eles não assumiram o que havia ficado determinado, agora outra vez...

PV — E qual foi o acordo?

Manoel — Era que a família Brito cercaria toda a sua propriedade para que o gado não entrasse. O rio encheu e eles não cercaram, depois que o rio baixou o gado invadiu e deu um prejuízo, calculado pelo advogado da gente, em um milhão e quinhentos mil. O Juiz e a FUNAI, por causa dessa ação, viram o prejuízo. Foram à casa dos Britos — quem toma conta da propriedade é o João Brito — e ouviram, na cara, o João Brito dizer que não pagaria prejuízo nenhum, alegando até que a terra não é dos índios, que é do Estado. Tá aí outra briga que a gente está tentando junto à FUNAI levar adiante, porque a terra foi desapropriada pelo Estado, este fez a doação à União e a União, por sua vez, entregou à FUNAI e ela reconhece a área, colocando para os índios viverem porque os índios não têm a posse da terra. Pra legislação brasileira índio é de menor... como a mulher casada... (risos dos entrevistados) não pode ser dono de terra.

PV — Quantos, no quadro de associados do Sindicato, são índios?

Manoel — Só o pessoal da Ilha. Agora, nem todos ali são índios. Uns vieram de fora e se juntaram. A gente não sabe com certeza quantos são os índios. Tanto que a FUNAI ainda não reconheceu oficialmente que o pessoal da ilha é mesmo índio.

PV — O Sindicato está formando uma consciência?

Manoel — Está sim. Através da luta do Sindicato, nós, os trabalhadores rurais do município, temos descoberto os nossos direitos. Por exemplo, no caso da seca, a gente tem conseguido alguma coisa por causa da organização

do próprio trabalhador e a gente descobre que, antes de ter sindicato, o trabalhador era massacrado e não tinha quem defendesse ele na Justiça, não tinha quem promovesse reunião com os camponeses. Houve uma abertura de consciência com a chegada do Sindicato.

PV — Mas essa consciência é também política?

Manoel — Eu já digo que existe um pouco de consciência política, porque no último pleito os trabalhadores se organizaram e lançaram candidaturas suas, independentes, inclusive, lançaram três candidatos a Prefeito. Isso pra gente já é algum passo, certo? De certa forma é um passo e eles têm se movimentado através de reuniões. Já houve duas ou três reuniões políticas e daqui pra frente a tendência é ampliar a conscientização.

PV — E vereadores, os camponeses sindicalizados fizeram algum aqui em Porto da Folha?

Manoel — Não. Infelizmente, não fizemos nem um vereador, por incrível que pareça. Mas já foi uma estrada que subimos. Foram as primeiras eleições em que os trabalhadores rurais tiveram participação.

PV — Bem, na medida em que o Sindicato Rural passa a ter uma vida real, representativa, você, como líder sindical, recebe ameaças, pressões das estruturas conservadoras, do sistema de poder?

Manoel — Ah, sim. Isso é mais do que natural. Porque a política como a gente vê no país não é a política mesmo que se deve fazer, é politicagem, na medida em que os trabalhadores vão tomando consciência política a pressão é maior. A minha prisão, por exemplo, foi por causa disso. Foi por intermédio de correntes políticas, sabe? Porque a gente tem liderança política de ver as coisas, denuncia de público, e por isso é prejudicial para os que mandam, que oprimem...

PV — Você admite que a sua prisão tenha sido consequência de denúncias formuladas por agentes do PDS?

Manoel — Claro. Já tenho inclusive confirmações, porque o que se comenta na cidade (Porto da Folha) é "que não se sabe como esse presidente sindical ainda está vivo (ele, Manoel), já deviam ter batido, seqüestrado, matado."

PV — Esses comentários são de gentes do PDS?

Manoel — É sim, de gente do PDS. Eu já recebi ameaça de seqüestro em Aracaju. Já recebi ameaça de morte da parte dos Britos. Já recebi alguns tiros, na travessia da ilha (Ilha de S. Pedro), que graças a Deus não pegaram. Aliás, essa tentativa de morte, registrei em Aracaju. Agora, recentemente, recebi ameaça de morte em plano posto telefônico por parte de soldados de polícia, fui registrado na Secretaria de Segurança e o Secretário disse que ia tomar providências, demorou...

PV — Qual foi o Secretário de Segurança. O atual, Dr. Luiz Bispo?

Manoel — Foi, Dr. Luiz Bispo.

PV — Mas, afinal, ele tomou as providências?

Manoel — Sim, ele tomou. Demorou um pouco, mas tomou.

PV — Você se considera o maior líder sindical do Estado?

Manoel — Não. De jeito nenhum. Tem muitos bons líderes sindicais em nosso Estado. Eu não me considero o melhor nem o único.

PV — O Sindicato Rural de Porto da Folha é o maior do Estado?

Manoel — Não. Não, não é o maior. Pode ser o maior em atividades, mas em número de associados tem outros: tem Lagarto, tem Estância...

PV — Quais são as dificuldades maiores que você vem encontrando para organização do Sindicato? Para o trabalho de conscientização e até mesmo em relação à repressão?

Manoel — Tem várias dificuldades. A primeira é por parte da pressão pública, que joga na cabeça dos trabalhadores que sindicato é uma área de subversivos. Outra, é ainda a pouca consciência do trabalhador e principalmente nessas áreas de seca, que esmaga o trabalhador... São vários fatores...vários... Os latifundiários, que jogam na cabeça dos trabalhadores — há esses políticos do PDS que dizem que os trabalhadores não devem se envolver com sindicato — que isso é uma rouba-lheira, uma série de coisas. Outra, é o próprio trabalhador que é pobre mesmo, tão pobre que nem tem condições de vida.

PV — Como são as relações do Sindicato com a Delegacia do Trabalho, aqui em Sergipe?

Manoel — São boas. A gente pouco procura a Delegacia. Depois, pela consciência política sindical que a gente tem, tenta desestrelar o sindicalismo da Delegacia do Trabalho, porque ele é tutelado de certa forma. Na medida em que a gente procura a Delegacia, é bem atendido.

PV — E a Polícia Federal?

Manoel — Não. A Polícia Federal já andou fazendo umas pesquisas...alguma entrevista, induziu intimidades comigo na época da Ilha de S. Pedro. Se está fazendo alguma coisa agora, a gente ainda não está sabendo.

PV — E a FETASE? Você perdeu as eleições, não é?

Manoel — A FETASE, perdemos as eleições por nove votos. Mas isso não desanima a gente. Estamos fazendo um trabalho com outros companheiros do Estado para retornar nas próximas eleições. Você sabe a maior parte dos sindicatos é peleguista, atrelado a DRT, atrelado ao assistencialismo. Sindicato não é isso, acho que é outra coisa.

PV — Na sua opinião o que é o Sindicato?

Manoel — Sindicato é o conjunto de trabalhadores que busca defender o seu direito seu trabalho.

PV — E essa eleição nacional, esse negócio de PROCUT, como é que é?

Manoel — Essa, pouco tenho participado. Aliás, a nossa Federação — FETASE — não apoia esse tipo de trabalho, por isso...

PV — Por que não apoia?

Manoel — Nós apolamos. Agora a maioria do nosso movimento sindical, o corpo maior é que não apoia. A Federação é contra, dizendo que há algumas coisas erradas...

PV — Manoel, você foi procurado pelo pessoal do PT?

Manoel — Olha, parece que o PT, aqui, não deu certo. Na época dessa abertura eu fiquei com o PMDB, fui fiel com o PMDB porque é dos trabalhadores. Antes, eu não participava de partido nenhum...

PV — A Frente Nacional das Oposições.

Manoel — É. Exatamente; mesmo porque já havia o MDB, que a gente conhecia, o PT não existia, a gente não conhecia. Primeiro, a gente quer saber se são trabalhadores mesmo, afinal são gente nova, né? Nós escolhemos o PMDB depois de várias reuniões, foi uma decisão coletiva. Eu não quero dizer que o PT não presta, pode ser até que ele venha a ser um grande partido de massas, dependendo da desobediência dos trabalhadores...

PV — Como é que você vê o papel da Igreja, no caso, da Diocese de Propriá?

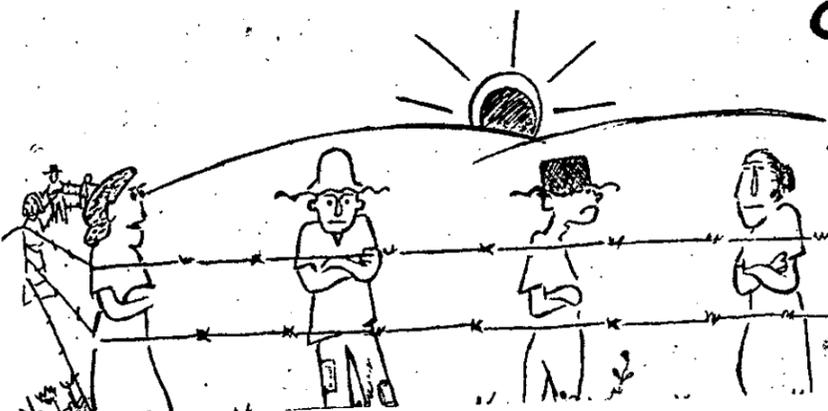
Manoel — O papel da Igreja, explicando bem, da Diocese de Propriá, tem nos ajudado bastante. Dom Brandão tem nos ajudado muito. Tem nos dado muita força, inclusive porque a Diocese já tem um trabalho a mostrar ao lado da luta dos trabalhadores... O advogado daqui, do Sindicato, por exemplo, é pago pela Diocese, é o Dr. Ivan Bezerra.

PORTAVOZ

## CAMPANHA DA CNBB PELOS FLAGELADOS :

arrecadou até o momento Cr\$ 108.358.380,00, dos quais foram enviados Cr\$ 51.150.000,00 para o Sul e Cr\$ 38.000.000,00 para o Nordeste. Os recursos enviados para o Sul, foram somados a doações de Caritas Alemã e Italiana no valor de Cr\$ 31.120.401,61, totalizando Cr\$ 82.360.401,61. Esse total foi enviado para 22 Dioceses do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina que apresentaram 17 Projetos de Reabilitação. Foi possível atender apenas 10% das solicitações desses projetos. Os recursos enviados para o Nordeste foram distribuídos entre Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia. O saldo atual da Campanha, Cr\$ 19.208.308,00, será destinado ao Nordeste, informa o Secretariado Nacional da Caritas Brasileira

— NOTÍCIAS —



# DOCUMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS LIGADOS AO POLO SINDICAL, POR OCASIÃO DO I SIMPÓSIO DE BUSCAS E SOLUÇÕES PARA O BAIXO SÃO FRANCISCO

— REALIZADO EM PROPRIÁ, NOS DIAS 27 A 30 DE SETEMBRO —

Como já é de conhecimento de vocês a viagem do Ministro a Sergipe foi adida em cima da hora. Mesmo assim, os trabalhadores rurais não desanimaram e enviaram ao Ministro, à Imprensa e a várias entidades do País o "DOCUMENTO DOS TRABALHADORES". **LEIAM - VEJAM SUA IMPORTÂNCIA!**

## INTRODUÇÃO:

Nós trabalhadores rurais da área do Pólo Sindical do Baixo São Francisco (composto pelos STRs de: Ilha das Flores, Pacatuba, Propriá, Telha, Graccho Cardoso, Nossa Senhora de Lourdes, Itabi, Gararu, Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha e Poço Redondo) aproveitamos a presença do Sr. Ministro do Interior, Cel. MARIO DAVID ANDREAZZA; no encerramento do I SIMPÓSIO DE BUSCA E SOLUÇÕES PARA O BAIXO SÃO FRANCISCO, em Propriá-SE no dia 30 de setembro de 1983, para fazer chegar ao conhecimento das Autoridades Governamentais e da Opinião Pública Nacional do presente Documento.

## I.- A CODEVASF E O BAIXO SÃO FRANCISCO

Atuação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - Codevasf - aqui na Região do Baixo São Francisco já completou 10 anos, pois datam de 1973 as primeiras desapropriações de terra na Várzea de Propriá/Cedro de São João/Telha. Desde o momento da chegada da Codevasf nesta Região, uma série de fatores negativos vêm ocorrendo. Entre outros, podemos apontar os seguintes:

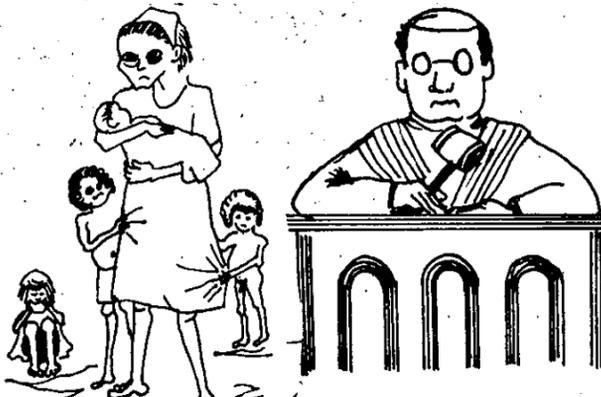
**1. SURGE UM LATIFÚNDIO OFICIAL** - A concentração das terras férteis e parte de sequeiros nas mãos da Codevasf, através de Decretos de Desapropriação, além de ocasionar desequilíbrio na já frágil estrutura fundiária - no tocante à distribuição das terras, pois muitos médios e pequenos proprietários foram desapropriados -, gerou toda uma gama de infortúnios, sobretudo para a grande massa de trabalhadores rurais que de repente se viu impedida de participar da produção de ARROZ, uma vez que a Codevasf impôs uma rigorosa seleção para os agricultores adquirirem o uso de terras de um lote. A peneirada foi tanta que de milhares de trabalhadores que viviam da cultura do Arroz, apenas na Região do Betume, somente cerca de 250 pais de família pegaram lotes!

Restou como saída para uma grande maioria de pobres, ou ir tentar melhor sorte na Região Sudeste, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, ou engrossar o cinturão-de-miséria das maiores cidades da Região: Penédo, Neópolis, Propriá.



**2.- DESAPARECE A POLICULTURA** - Efetuada a concentração das terras, o passo seguinte da Empresa foi reforçar a monocultura do Arroz, como acontece com todo Latifúndio. Tal prática levou à extinção das lavouras tradicionais ( inhame, milho, feijão, batata doce, macaxeira, mandioca e de diversas fruteiras - coqueiros, mangueiras, jaqueiras, bananeiras, cajueiros, notadamente nas regiões de São Domingos, Betume e Serrão ), o que ocasionou maior desequilíbrio no já pobre padrão alimentar da subnutrida população do Baixo São Francisco.

**3.- EXTINÇÃO CRESCENTE DA PESCA** - Sobretudo nas lagoas ou várzeas a pesca diminuiu tanto após a implantação dos Projetos de Irrigação, que se tornou uma aventura, ou quase um milagre se pegar uma muqueca / de peixe ou um punhado de savorica. E era com a atividade pesqueira que boa parte da população do Baixo São Francisco se remia, ou complementava seu ganho familiar!



**4.- POVO GANHA, MAS NÃO LEVA...** - Os trabalhadores do Grande BETUME que foram atingidos pelo Decreto de Desapropriação, a partir de 1976, sustentaram uma pesada luta pela indenização de seus tempos de serviço. Mesmo obtendo ganho de causa na maior instância judicial do Brasil - Supremo Tribunal de Recurso, em 1978, até hoje a Codevasf desrespeita impunemente as Leis Brasileiras, pois se recusa a pagar os direitos de mais de 1.000 trabalhadores da Região do Grande Betume!

**5.- DESCONTENTAMENTO NOS PROJETOS** - Mesmo a parte dos trabalhadores ligados diretamente à Companhia, ( no caso, os parceiros) reclama constantemente da atuação da Codevasf. As irregularidades se ligam tanto a problemas de ordem técnica - (os parceiros se dizem prejudicados pelo mau funcionamento do sistema de irrigação, pois muitas vezes a água não chega aos lotes mais distantes; preços de adubo, das sementes, da água usada pra irrigação dos lotes e a taxa de aração são superiores / aos cobrados por particulares da Região)-, como de ordem administrativa: Por ocasião da cheia de 1982 muito arroz já cortado se perdeu na Várzea de Propriá/Cedro/Telha / por falta de iniciativa dos dirigentes da Codevasf de liberar o produto para rápida comercialização. Quando isso foi feito, boa parte do arroz já tinha apodrecido.



**6.- A CODEVASF E O GADO DOS RICOS** - A Codevasf que controla muita terra no Baixo São Francisco se dá ao luxo de deixar vastas áreas sem produzir um "pé-de-nada", enquanto milhares de pais / de família sem terra não têm um pedacinho de chão para botar uma roça. Isso força / a alguns lavradores a ocupar estreitas / faixas de terras na BR-101 ( a poucos Km da Várzea de Propriá/Cedro/Telha). - Essas lavouras encurraladas entre o "aramado-latifúndio" e o progressista asfalto / são uma denúncia viva do descaso como as autoridades tratam o homem do campo em / nosso País, Sr. Ministro! - Sabe-se também que boa parte das terras desapropriadas e ainda não ocupadas pela Codevasf, / estão servindo de pasto para o gado de ricos do Baixo São Francisco.

Sr. Ministro do Interior,  
Cel. MARIO DAVID ANDREAZZA,

Diante deste panorama desfavorável aos trabalhadores, criado e ampliado pela desastrosa atuação da Codevasf em todo o VALE DO SÃO FRANCISCO ( é do conhecimento da Opinião Pública Nacional o mau desempenho da Companhia na Região do Médio São Francisco. - Casos das Agrovilas de Bom Jesus da Lapa-BA, Projeto São Desidério / Barreiras-BA, Projetos Massangano e Tourão em Juazeiro-BA e o Projeto Bebedouro, em Petrolina-PE), nós trabalhadores rurais, atingidos pelos Projetos de Irrigação no Baixo São Francisco, fazemos as seguintes reivindicações:

1. - Que as terras ligadas à Lagoa da Cotinguiba ( na localidade de São Miguel, Município de Propriá) a partir de / janeiro de 1984 fiquem liberadas para os lavradores sem terra plantarem sem nenhum pagamento ou renda cobrada pela Codevasf.

2.- Os trabalhadores rurais da região de Propriá/Cedro/Telha exigem terra de sequeiros para plantarem em idênticas condições reivindicadas pelos roceiros de São Miguel, também a partir de janeiro de 1984, época do preparo das terras para o plantio.

3.- Na área de todo o Grande Betume, os trabalhadores reivindicam que a Codevasf libere as terras para o plantio de arroz / num prazo mais favorável para o bom desempenho do plantio. É que houve casos de parceiros que mesmo tirando financiamento / para o cultivo de arroz, perderam a produção, pois as terras não foram liberadas em tempo.

4.- Que a atual taxa de Cr\$8.000,00 por hora para a aração das terras permaneça em 1984 na área dos Projetos da Codevasf

5.- Que a comercialização do arroz / seja assumida pelos próprios parceleiros ou trabalhadores que receberam terras da / Companhia, na safra de 1984.

6.- Que a Codevasf cumpra sua promessa de construir casas de alvenaria para os moradores do Alto da Rolinha, com urgência. Que por ora, a Codevasf providencie o conserto das casas destioradas.

7.- Nós trabalhadores que ganhamos a questão trabalhista na Área do Grande Betu me exigimos o imediato pagamento de nossos direitos !

8.- Que não tenha discriminação por parte da Codevasf contra as mulheres que são mães solteiras ou viúvas, até agora impedidas pela Companhia de pegar terra para trabalhar na área dos Projetos de Irrigação do Baixo São Francisco.

## II.- A CODEVASF E O SERTÃO - Até fe-

vereiro de 1983, a atuação da Codevasf se restringia em Sergipe sobretudo às áreas / de terra atingidas pelos Projetos de Irrigação. Decretado o "Estado de Calamidade / Pública" pelo Governador João Alves Filho, a Codevasf passou a coordenar uma área de 13 municípios com cerca de 14.000 flagelados inscritos no Plano de Emergência do Governo Federal, o conhecido plano dos Bolsões da Seca ou as Frentes de Serviço. - Se aparelhada, há mais de uma década, com toda uma vasta infraestrutura na área dos Projetos de Irrigação, a Codevasf vem tendo um desempenho lastimável, se calcule na Região da Seca, onde a Companhia chegou agora, no caso de Sergipe, e está desaparelhada.

Nós trabalhadores rurais queremos / lembrar que neste ano de 83 já fizemos várias denúncias, através de nossos órgãos / de classe - os Sindicatos de Trabalhadores Rurais e O PÓLO SINDICAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO - em relação ao mau funcionamento / das Frentes de Serviço na área do Sertão / Sergipano coordenada pela Codevasf.

No momento, Sr. Ministro, voltamos a lembrar os principais pontos da má atuação da Codevasf nas Frentes de Serviço e o próprio sistema de funcionamento dos Bolsões da Seca, organismo ligado à Pasta do Ministério do Interior.

Os pontos com os quais não concordamos são estes :

### 1. OBJETIVO DAS FRENTE DE TRABALHO

Em todo o Sertão, área coordenada pela Codevasf a principal atividade dos inscritos nas Frentes de Trabalho vem sendo a abertura de tanques em propriedades / particulares. Como são obras em terras de médios e grandes proprietários, passado o período de seca, estas pessoas ficarão com suas fazendas beneficiadas à custa da miséria e fome dos trabalhadores. Os que são ricos, ficarão mais bem situados e os pobres mais dependentes...

### 2.- SALÁRIO DE FOME - O ganho de um

frentista é de Cr\$ 15.300,00 ! Além de ser um ganho miserável, o pagamento costuma atrasar em 7 até 4, 5 semanas !

### 3.- ESTRUTURA DAS FRENTE - Há uma

fiscalização efetuada em três níveis:  
- A cúpula mais alta,  
- Os fiscais  
- E os cabos de turma.

Em contato mais direto com os trabalhadores estão os Fiscais e no dia a dia, os Cabos de Turma. Os fiscais passam as / ordens e exigem que os cabos de turma puxem pelos pobres trabalhadores para executar tais decisões. Quase sempre os cabos de turma são escolhidos pelos próprios fiscais ( ou outros interessados, geralmente chefes políticos do PDS ) e atuam como / seus testa-de-ferro. O salário de um cabo de turma é de Cr.\$ 30.600,00 ( o dobro do ganho dos flagelados ) e sua principal fun-

ção é vigiar os trabalhadores da Frente e fazer cumprir as ordens dos Fiscais e da / Cúpula mais graduada.

### 4.- LEIS DESUMANAS - As leis cria-

das e impostas nas Frentes de trabalho são as mais descabidas e absurdas que a gente pode imaginar ! Vamos ver algumas:

a) Se um trabalhador perder um dia de serviço, recebe corte de mais um dia. / Embora, os cabos de turma assegurem que na verdade, quem perde um dia, termina recebendo desconto de três dias, já que não receberá o domingo e o dia remunerado ( que varia em cada município: em uns é o sábado e em outros, a segunda feira ! )

b) O prazo máximo que o frentista pode atrasar na hora de começar o serviço é de 20 minutos, dependendo do bom humor ou da camaradagem do cabo de turma. - Não se leva em conta que tem pais que andam mais de 5 a até 7 km para chegar no local de trabalho.

c) Se uma pessoa adoecer, para não ter cortado seu dia de trabalho e o Remunerado, terá que trazer um ATESTADO MÉDICO. Ora, como se exigir isto se nas Frentes de Trabalho não existem médicos se o hospital mais perto fica (em muitos casos) a 45 km de distância ?

d) O horário de trabalho é absurdo e brutal: 7 horas às 13 horas, com intervalo de meia hora para o almoço. Onde têm 7 frentes de serviço para as mulheres, quando elas trabalham pela tarde, o horário é das 13 hs. às 17 horas !

e) Os fiscais passam regularmente / nas Frentes de Trabalho, andam sempre de carro e quase sempre dão ordens aos cabos de turma para puxar pelos trabalhadores para produzir o máximo possível.

f) O pagamento não tem dia, nem hora certa. O pessoal tem que ficar de vigília. Se acontecer o pagamento chegar e um frentista não estiver, fica sem receber.

### 5.- CAMPEIA A CORRUPÇÃO - Há muitas

pessoas que são alistadas por outros interesses e não pela necessidade maior: - Pessoas aposentadas e até elementos bem situados (filhos de fazendeiros, filhos de vereadores, professoras) estão relacionados como frentistas e apesar de não comparecerem ao serviço, recebem o pagamento. Enquanto isso, muitos precisados de verdade não se alistam.

### 6.- POR QUE TUDO ISTO ? - Do quadro

descrito, Sr. Ministro, surgem muitas perguntas:

a) A quem interessa esta situação ? Por que o pessoal pode trabalhar para fazendeiros e não pode trabalhar em benefício comunitário ? Por que o modelo é sempre o mesmo: beneficiar quem já vive folgado ? Onde se quer chegar com tal estrutura ?

b) Por que numa Região ( a dos 13 / municípios ) com cerca de 80 mil habitantes, apenas 14 mil trabalhadores estão alistados ? Por que tão poucas mulheres podem / se fichar nas Frentes de Serviço ?

c) Por que os poderes públicos ficam ausentes na fiscalização das Frentes / de Serviço ?

d) Como se explica que a mesma bolsa federal seja paga em 16 municípios do / Estado de Sergipe quinzenalmente e na Região do Sertão ( assistida pela Codevasf ) / atrase até 45 dias ?

Sr. Ministro, Cel. MÁRIO DAVID ANDREAZZA,

muitas outras irregularidades a gente poderia apontar na área de atuação do / Ministério do Interior, aqui em Sergipe. Por ora, ficamos com estas denúncias e passamos a apontar algumas sugestões que se levadas à prática em muito modificaria a / atual situação da sufocante realidade que nos afligem.

Em relação às Frentes de Trabalho / reivindicamos o seguinte:

1) Uma caderneta, onde esteja anotado da pessoa alistada, o salário, os dias que trabalhou e a data certa do pagamento.

2) Pagamento certo de 15 em 15 dias!

3) Aumento do ganho, ao menos a / Cr\$ 5.000,00 por semana. Levar em conta a situação de pais de família com mais de / dois filhos e que ainda não têm idade para trabalhar e a esposa não pode se fichar / (porque tem que cuidar dos filhos menores). Que em tais situações eles passem a ganhar igual aos cabos de turma.

4) Voltarem a trabalhar 4 dias, em / vez dos cinco atuais. Trabalhar de Terça à Sexta-Feira, com alteração do horário ( para evitar o sol quente demais e o trabalho das mulheres e filhos menores terem de vir trazer o "almoço" aos flagelados). Propomos o horário das 7 hs. às 12 horas e largar de vez, indo comer em casa.

5) As mulheres também reclamam do horário de largar: - É tarde para as donas / de casa. Há muitas mulheres que andam quilômetros e chegam já de noite em casa. No momento, as mulheres trabalham 5 dias e no horário das 13 às 17 horas. Elas propõem / trabalhar 4 dias por semana e no horário / das 13 às 16 horas.

6) Todas as Frentes do Sertão apelam para que o Governo consiga uma merenda / (feijão, farinha, arroz, massa de milho e açúcar) de 15 em 15 dias e que seja gratuita! É o mesmo que o Cestão que se fala sair em outubro !

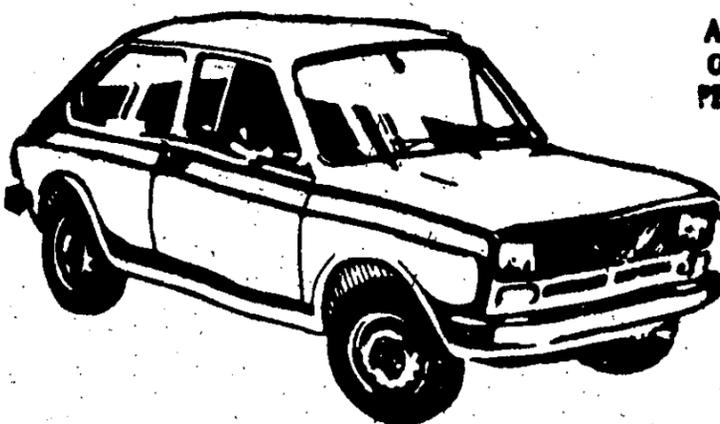
7) Que o Governo mande um médico para as Frentes de Serviço, ou então acabe com a exigência descabida de Atestado Médico !

8) Todas as Frentes reclamam mais fichas para alistar os trabalhadores e mulheres ainda não incluídos no Plano de Emergência.

9) Que os carros-pipas abasteçam de água as Frentes de Serviço.

10) Que sejam providenciados abrigos para os frentistas guardar a água de beber em lugar sombreado. (continua no próximo número)

## Posto São José



**COMSERGEL**  
COMERCIO E SERV. GERAIS LTDA  
COC 13.117.221,00/1.04 - Inc. Pat. 27051719-7  
TELEF. 322-1512 - C.F.P. 49110  
Av. Dep. Martinho Guimarães, s/n.  
GASOLINA - DIESEL - LUBRIFICANTES -  
PEÇAS E ACCESSÓRIOS P/ AUTOMÓVEIS  
LAVAGENS - LUBRIFICAÇÕES ETC.  
"BATERIAS HELIAR"

PRÓPRIA: SERGIPE